

## CONGELANDO COM O TOMATE

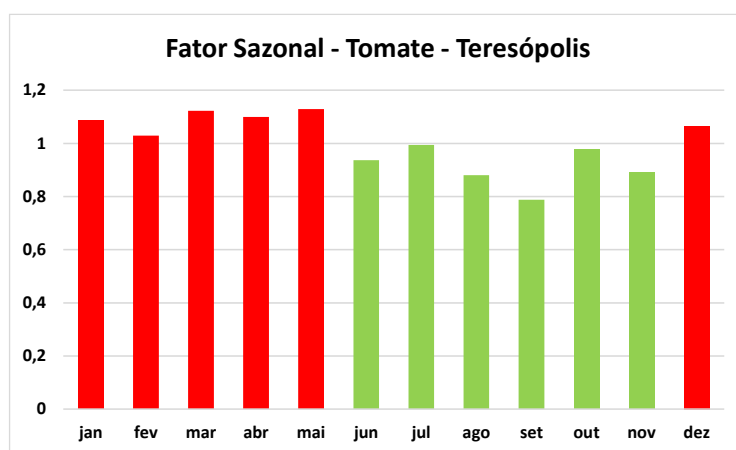
*Roberta Montello Amaral<sup>1</sup>*

Férias, crianças em casa, vacinação avançando, cenário de pandemia melhorando... É neste cenário que, hoje, fui preparar o almoço. Tive que ir ao mercado buscar os ingredientes da salada e tomei um susto! Você já viu como estão os preços do tomate?

Um economista experiente diria que, nessa situação, devemos usar produtos substitutos, escolhendo aqueles que estão no seu período de safra, quando a oferta cresce e, naturalmente, os preços caem. Mas fiquei aqui intrigada: será que este economista teria filhos pequenos, daqueles que precisam comer melhor, conforme orientações de um nutricionista, mas que só “aceitam” tomate e alface na salada? Alguém poderia, por favor, avisar às crianças que é preciso fazer rodízio dos alimentos que preferem? Que precisam rever suas “exigências” em função da safra dos alimentos?

Com um rombo bem grande no bolso e uma sensação de aumento exagerado nos preços do vermelhinho, resolvi recorrer à base de dados do IPC-FESO, o Índice de Preços ao Consumidor de Teresópolis, calculado com a ajuda dos alunos de Administração e de Ciências Contábeis do UNIFESO. Bingo: o preço médio do quilo do tomate em junho era de R\$ 4,03, enquanto em julho ele já custava R\$ 5,36. Mais de 30% de aumento! Como eterna questionadora que sou, pensei: mas será que esse é o comportamento normal esperado para esta época? Aí você, que me acompanha, já sabe, né? Modo Sherlock ligado, investigação à vista!

A partir da base de dados do IPC-FESO montei o gráfico a seguir que mostra, em verde, os meses em que, historicamente, o tomate costuma apresentar queda de preços. As colunas destacadas em vermelho, por sua vez, representam médias mensais superiores às médias anuais. Assim, pode-se concluir que, em Teresópolis, o mês de julho costuma ter preços do tomate abaixo da média anual. Não foi o que vivenciei no mercado...



Mas o que teria ocasionado este comportamento? Uma consulta ao Sr. Google é definitiva: “o tomate, item básico na mesa do consumidor, está sendo afetado diretamente por causa da onda de frio”. A notícia, publicada em 24/07/2021 no site do G1, não traz alento, principalmente porque, agora, neste exato momento, estou aqui escrevendo esse texto debaixo de dois

<sup>1</sup> Roberta Montello Amaral é economista e estatística, doutora em engenharia de produção. Atualmente é Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão do Unifeso. E-mail: [robertaamaral@unifeso.edu.br](mailto:robertaamaral@unifeso.edu.br)

cobertores, com meias (!) nos pés, vestindo um casaco de lã, com aquecedor ligado, acompanhada com meu pet, enroladinho, igualmente agasalhado.

Amanhã as aulas recomeçam. Pensei em sugerir à professora das crianças que, neste novo normal (em vários sentidos), reforce a necessidade de variar o paladar, para ajudar as mães a gerenciar o seu orçamento doméstico. Com a obrigatoriedade da inclusão da educação financeira nas mais tenras idades, ela pode, quem sabe, adaptar sua playlist infantil com versões mais modernas e atualizadas. Saí cantarolando:

“Tomatinho vermelho,  
a montanha escalou.  
Grande geada veio,  
e o seu preço aumentou.  
Pobre do seu papaizinho, coitado do seu dinheirinho.  
Nem Catchup comprou”.